

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Zulmira Alexandrina da Luz

registada em 2009-02-04
por

Cláudia Simões e Carla Aguiar

Zulmira Alexandrina da Luz

Zulmira Alexandrina da Luz, nasceu nos Açores, Horta, Faial em 1924. Filha de Vicente Alexandre e Maria da Luz, perdeu o pai, por quem nutria uma grande admiração, aos 7 anos. Depois de uma infância entre Setúbal e Lisboa, onde aprendeu a ser modista de coletes, costureira de calças, foi trabalhar para uma frutaria onde conheceu o marido. Viúvo e com uma filha de 7 anos pediu-a em casamento, coisa que recusou inicialmente. A doença que teve aproximou-os. Casou e teve duas filhas. Foram morar para a Benfeita, a adaptação não foi fácil, e começou-se a “dedicar à costura”. Foi a fundadora do Rancho do Benfica.

Índice

Identificação Zulmira Alexandrina da Luz.....	4
Ascendência Vicente Alexandre e Maria da Luz.....	4
Infância "Lá fui para a cama da minha mãe".....	5
Educação "Para mim era tudo igual".....	6
Namoro "Por motivos que não te posso explicar, entre nós tudo acabado".....	9
Casamento "Ai que noiva tão chalada".....	12
Descendência Uma vida diferente.....	14
Filosofia	16
Percurso profissional Uma vida sempre ligada à costura.....	20
Costumes A Benfeita vista na primeira pessoa.....	28
Sonhos "Eu só quero o bem da minha gente".....	32
Avaliação "Acho muito bem que é para ver se as pessoas se habituam ao modesto".....	32

Identificação *Zulmira Alexandrina da Luz*



Zulmira Alexandrina da Luz (23 de Dezembro de 2003)

O meu nome completo é Zulmira Alexandrina da Luz. Nasci nos Açores, Horta, Faial em 1924.

Ascendência *Vicente Alexandre e Maria da Luz*

O meu paizinho chamava-se Vicente Alexandre, a minha mãe Maria da Luz.

O meu paizinho era não sei bem de onde, mas a minha mãe sei que era do Vidual. O meu paizinho não me lembra, só tenho papeladas. O meu paizinho pertencia à Guarda Nacional Republicana e era militar. Quando foi para os Açores estava em trabalho. Andava a cavalo e andava a guiar as tropas. Era eu

garota, mas sei que ele estava lá e fazia isso. A minha mãe foi lá com ele. Quer dizer, conheceram-se no navio que ia para lá. A minha mãe foi-lhe pedir para ele escrever uma carta para a família e ele disse:

- "A menina se calhar é para o seu namorado e eu também estava a escrever para a minha namorada, mas as vistas da senhora... Vamos fazer uma coisa: nem eu escrevo para a minha namorada nem a senhora para o seu. Vamos namorar os dois."

Foi no barco que se conheceram e depois a minha mãe não lhe ligou nenhuma. Ela ia-lhe pedir para ele lhe escrever para a família, ele fala-lhe em namorado ela não tinha, ficou enervada e depois não lhe falou. A minha mãe ficou toda contrariada e ainda foi-se embora, mas mais tarde ele encontrou-a. Indo ele a cavalo viu que a minha mãe estava à porta quando estava a comprar uma hortaliça lá para uma senhora. Ia a cavalo e por ordem de sorte ele conseguiu ver a minha mãe. Ficaram a namorar depois casaram, constituíram família. Eu nasci lá. As minhas irmãs já nasceram em Lisboa. Eu é que nasci nos Açores ainda.

O meu paizinho era a coisa melhor do mundo. Era a coisa melhor do mundo. A minha mãe não. Era engraçado que eu às vezes arrelhiada com a minha mãe dizia que ela me tinha dado leite de burra, porque não me gramava. Toda a gente gostava de mim, só a minha mãe é que não. Os de fora gostavam mais de mim que a minha mãe. Era verdade, não estou a mentir, nem a alinhar coisas. Estou a dizer a própria verdade.

Infância *"Lá fui para a cama da minha mãe"*

Vivi nos Açores até à idade dos 4 anos. Aos 4 anos o meu paizinho foi para Setúbal a mando da Guarda. Esteve em Setúbal e vivi em Setúbal até à idade dos 7 anos que foi a idade em que o meu paizinho morreu.

Tinha 7 anos e eu dormia com o meu pai que ele era uma loucura, que ele não me largava nem um momento e as minhas irmãs dormiam com a minha mãe. Ainda me lembra que eu estava... Veio o doutor, que o meu paizinho estava muito mal e via a minha avó a rezar aos pés da cama a pedir pelo meu pai, que ele era a coisa melhor do mundo que eu tinha. E o médico:

- "Então está aqui esta criança ainda ao pé do pai? Tem que a levar daqui que o pai está com uma pneumonia dupla. Ela não pode estar aqui."

E eu lá fui para a cama da minha mãe.

Educação "*Para mim era tudo igual*"

Depois viemos para Lisboa. Eu fui para a escola em Lisboa. Era uma escola do Estado e havia primeiro, segundo e terceiro andar. Lá fiz a quarta classe, mas era uma aluna muito boa. Era miudita, mas toda a gente gostava de mim. A gente ia para o recreio e eu via as alunas, aquelas que se faziam mais ricas. Eu não era rica, era só remediadita. Como eu era boa aluna, as ricas puxavam sempre por mim. Todas as professoras gostavam de mim. Quando íamos todos para o recreio elas puxavam para eu ir de braço dado com elas passear. O recreio era um largo muito grande. E eu ia, mas depois via as pobres todas a um canto e aquilo doía-me e eu dizia:

- Eu já não quero já andar, dói-me as pernas, não posso estar aqui a andar.

Ia-me sentar num murozito baixo que lá estava, a contar histórias. Um eram as que eu tinha lido, outras eram umas que a minha tia me contava. Ia lá a casa fazer um serviço e contava-me. Daí a pouco estavam as ricas ao pé das pobres. Estava tudo junto, porque as ricas também queriam ouvir a história. Eu fazia aquilo e as professoras ficavam sensibilizadas com aquele acto que eu fazia porque não queria distinguir as ricas das pobres e as pobres das ricas. Era tudo igual. Para mim era tudo igual. Tinha pena de todas. Ajudava as que podia. Algumas ricas até que eram mais atrasadas, que não eram tão boas na escola, eu chegava a leva-las ao mapa. Era eu pequenita. Era pequena de estatura, mas levava-as ao mapa. Eu conhecia, naquele tempo as cidades e as batalhas, era tudo no mapa. As batalhas em tal data. Era assim que se via. Ainda no mapa de Portugal a gente tinha que dizer aquilo e fixar aquilo tudo. Depois como era muito boa aluna, todos os meses me davam uma lembrança, mas era uma lembrança pequenita, daquelas que as professoras davam para incentivarem as alunas a fazerem qualquer coisa, porque era até à quarta classe.

"Deus te guie"

Chegou-se a altura da quarta classe para fazer exame e eu não podia fazer exame. A minha certidão tinha que vir dos Açores, porque em Lisboa não tinha nada. A minha professora mandou pedir. Foi ela mesmo que fez a coisa para pedir a certidão, mas a certidão não chegava. E a professora disse:

- "Ó filha, eu tenho muita pena, mas tu não podes fazer o exame se cá não estiver a certidão."

E eu disse:

- Mas eu não a tenho cá.

Então no outro dia, estávamos em vésperas já do exame e a certidão não vinha e eu agarrei não fui à escola. Ela não estava habituada a eu faltar à escola nunca e perguntou porque é que eu não fui à escola. E as alunas disseram que a minha mãe não me queria dar o dinheiro. Eram 70 escudos de multa, e a minha mãe negou-se a dá-los.

- "Então se é 70 escudos de multa não fazes exame, que eu não dou."

Sabendo que eu era uma das melhores que estava lá na escola. Não é para me estar a gabar, mas era verdade. Só gosto de dizer a verdade, não é mentira. Mesmo que a verdade seja contra mim, vai. Eu vi aquilo e fiquei chocada porque gostava de fazer exame como as outras. A professora disse:

- "Ela que venha à escola à mesma."

Eu fui à escola. Quando cheguei lá à escola ao outro dia estavam várias alunas e a professora com uma caixa de pó de arroz antigas que havia, um pó de Tocalon, eram as caixas assim, fechada e disse:

- "Olha vais levar esta caixinha à tua mãe pela hora do comer. Quando ela estiver a almoçar com vocês, mostras-lhe a caixa. Eu sei que tu não vais mexer e não vais ver o que é."

Ela tinha confiança em mim. Se eu dissesse que não mexia, não mexia. Não mexia mesmo. De maneira que cheguei à hora do almoço e apresentei a caixa à minha mãe. A minha mãe olhou para aquilo com desprezo. Donativos, todas a darem donativos. Todas as alunas da escola de cima a baixo. Eu olhei para aquilo e quando vi pobrezinhos até com meio tostão. Fartei-me de chorar porque não havia razão para aquilo. Algumas eram pobrezinhas, mas a minha mãe não era pobre, era remediada. Portanto não era coisa que ela não me pudesse dar os 70 escudos, mas ela não os quis dar por mim. Vi aquilo. Fiquei chocada porque li o papel. E a minha mãe abriu a caixa e viu que estava lá muito dinheiro. Naquela altura era muito dinheiro, que era dinheiro diferente do de hoje. A senhora tinha-me dito para ao outro dia levá-la para a escola outra vez a caixa como estava. Levei. Daí a três dias, estava já mesmo, mesmo na véspera do exame. Veio o correio, trouxe-me a minha certidão. Eu então dava pulos de alegria. Era uma alegria enorme só para ver que não ia buscar aquele dinheiro das crianças. Umás eram ricas, outras eram pobrezinhas e eu não queria de maneira nenhuma. Cheguei à escola o dinheiro já lá estava e disse:

- Minha senhora já veio a minha certidão.

Levara a certidão. Ela era até uma professora que até ajudou a fazer a gramática José Maria Relvas, naquela altura era uma gramática que era da autoria dela e o filho era doutor e até estavam dispostos se aquilo não se desse,

serem eles a pagar sozinhos, de ver o desgosto que eu tinha de a minha mãe não me querer dar o dinheiro. Depois ela foi entregar:

- "Ó filha eu vou ver se eles recebem. Se não receberem... "

Mas ela já tinha aquela ideia de me levar a exame porque pagava ela e o filho para evitar que eu sofresse aquele desgosto. Ela foi à escola, contou o assunto que estava detalhado. Não quiseram receber porque já estava ali a certidão. De maneira que eu quando vi o dinheiro, disse:

- Mas ó minha senhora, eu agora não quero. Senhora professora, não quero o dinheiro.

Diz ela assim:

- "Ó filha o dinheiro está na tua mão e depois tu é que fazes o que entendes dele."

Ao outro dia prepararam, eram umas quatro ou cinco professoras. Era primeira, segunda, terceira e quarta classe, estavam lá todas as professoras na sala e as alunas todas de um piso, do outro e do outro. Comecei a chamar por elas para lhes dar o dinheiro conforme estava no papel. Não respondiam. Eu falava numa, noutra, ninguém respondia. Daí a pouco vêm duas assim mais espartitas da quarta classe e disseram:

- "Olha, nós não queremos o dinheiro que está aí. Já todas falamos e o dinheiro é teu e é para comprares uma prenda. Nós gostamos muito de ti é para comprares uma prenda para ti."

Diz a professora muito depressa, sabendo que indo para a minha mãe que ia mal encaminhado então disse:

- "Eu compro a prenda."

E comprou-me então uma pulseira de ouro que tinha de um lado uma medalha a dizer "Deus te guie", essas medalhas até ainda são conhecidas, e atrás dizia "Recordação das tuas colegas". Queriam que eu levasse aquilo ao exame. Eu fui à prova escrita, tinha ficado aprovada com distinção, ainda não tinham dito, mas eu já sabia que eu ficava aprovada com distinção. Então eu não quis levar para a prova escrita, a pulseira. Achei mal empregado porque estava a escrever e ninguém ma via. Diz a professora:

- "As meninas estão muito arrelhadas porque tu não levaste a prenda delas para o exame."

- Eu não levei porque ninguém ma via. Assim levo para a prova oral. Estou de pé e já ma vêem. Lá levei para a prova oral a pulseirita. Então tinha aquilo numa relíquia louca porque era das colegas e eu gostava imenso. A professora e o marido estavam já dispostos a, se a minha mãe me autorizassem os estudos, eles a pagarem-me os estudos. O filho queria mesmo pagar os estudos.

- "Ela merece porque ela é uma boa aluna e a gente vai pagar os estudos."

Mas a minha mãe não autorizou. Disse logo que não. A outra filha mais velha não tinha eu também não tinha direito a ter e para a nova também não fazia ideias, mas depois pôs a mais nova a estudar já em Lisboa, mas coitadinha andou três anos para tirar o primeiro e eu que podia avançar não me deixaram ir. Foi assim a minha triste vida de solteira.



Zulmira Alexandrina da Luz com 17 anos (Lisboa, 1941)

Namoro "Por motivos que não te posso explicar, entre nós tudo acabado"

O dono da frutaria andava à procura de uma empregada para tomar conta da caixa enquanto ele e a mulher iam à terra. Ele tinha um empregado e esse empregado mais tarde foi o meu marido. Não é que eu gostasse dele, mas é o seguinte, eu namorava com um rapaz que era da Escola Agrícola, andava a tirar engenheiro agrícola. Ele começou-me a namorar quando eu tinha 16 anos.

E namorei com ele cinco anos. Tinha namorado, mas naquela altura tinha-me zangado com ele. Eu estava na costureira e minha patroa pediu-me para eu levar uma caixa para entregar num restaurante perto da estação dos comboios em Lisboa na Avenida da Liberdade, que era precisa para fazer uma festa e aquela senhora queria aquele vestido. Eu disse que levava.

- "Tu não és da entrega filha, mas vai lá entregar. A gente paga-te o eléctrico e tu vais lá entregar."

Eu fui para entregar. Depois vinha a passar uma prima dele, desse tal rapaz. Uma prima dele parou e viu. Ela era corista do teatro e vinha com um rapaz. Diz ela:

- "Conheces o meu primo Nandinho?"

Ela queria o primo, mas o primo não a queria a ela.

- Conheço.

- "Que achas?"

- "Mas o que é que esta menina tem a ver com o teu primo Nandinho?" - diz o rapaz que ia com ela.

- "Essa menina o que tem a ver? É para veres, ela é uma simples costureira e ele é um rapaz que está-se a formar. É um rapaz de estudos."

- "Isso não tira nada. Ela de feia não tem nada e as qualidades dela só o rapaz é que saberá compreender."

Eu fiquei nervosa. Ela perguntou se ele não o achava mal empregado em mim. Eu não achava que era uma pessoa normal, se ele não sabia que não era mal empregado em mim. Namorávamos já há tempos, também não havia novidade nenhuma. Cheguei casa, estávamos já a começar a tratar dos papéis para o casamento. Ele já tinha tratado dos dele. Estava à espera que eu tratasse. Ele tinha um tio que era militar e na altura tinham que ir fazer os três meses à tropa, cumprir aquilo. Ele foi para lá para cumprir esses três meses. Eram todos forçados a irem. Os que estudavam tinham que ir fazer três meses de tropa. Ele foi também. Justamente nesse infeliz dia manda-me uma carta a dizer para eu tratar dos papéis que ele já tinha tratado dos dele. Eu quando vi aquilo rasguei. Era daquelas cartas que vinham inteiras, que tinham duas folhas cortadas ao meio e vinha assim dentro do envelope. Eu rasguei uma parte que ele só tinha escrito à pressa uma parte e a outra parte ficou em branco. Eu não tinha lá carta, agarrei nessa parte e escrevi para ele:

"Por motivos que não te posso explicar, entre nós tudo acabado."

Foi a minha sentença. Ele recebeu aquele choque de tal maneira que os três meses que ele tinha que estar lá a cumprir, passou-os na enfermaria do hospital. Foi um choque que ele recebeu muito grande. Ele gostava muito de mim. Cinco anos de namoro a gente andou ali.

Conhecia o meu marido, ele estava lá na frutaria. Conheci-o antes. Uns dias antes, até um mês ou dois. Eu fui para lá trabalhar, não ia para lá para namorar com ninguém. Na altura eu não namorava com ele, mas o meu marido tinha uma filha que era inválida. Ela tinha 7 anos. Morre-lhe a mulher, ele ficou com a filha e ficou ali entre aquele espectáculo e pediu-me se eu não me importava de ser mãe da filha dele. Tanta gente, tantos primos, tanta gente tinha e não tinha quem tomasse conta dela. Digo assim:

-Ele não está bom da cabeça! Era o que me faltava.

E não quis aceitar. Tive vários pretendentes depois disso. Não sei porquê gostavam de mim. Não era por ser leviana, não era por nada, mas ouviam a pessoa como ela fazia e gostavam de mim. Não tinha culpa. Não era que lhes desse sorte porque eu era muito reservada.

Acontece que apresenta-se-me uma apendicite e eu tive que ir para uma clínica, mas um cliente lá da frutaria é que me arranjou para ir para essa clínica. Era um dos senhores donos de um barco de pesca daquela pesca grossa, daqueles peixes mais seleccionados. Ele então o que é que fez? Arranjou para internar-me lá. E eu fui. A mulher dele, se ele tem falado a esse senhor ela também tinha ido para lá, mas ele não falou. Acontece que o senhor foi por alta recriação e do patrão lá da loja, é que fez isso. Eu tomava conta da caixa. Quando vinha o dinheiro era eu que fazia os pagamentos e tudo, depois aconteceu aquilo... Eu trabalhava ainda lá e fiquei ainda a trabalhar um tempo, até a gente se casar. Mas eu não pensava sequer numa coisa dessas, nem de ir para o meu marido. Como eu adoeci, estive lá internada. Estive muito mal, porque já ia muito grave a apendicite. Então era já uma solução que eles estavam já cheios de medo e eu fui para lá. Fui para lá para a clínica e ele então nem almoçava, nem jantava, para ir para ao pé de mim as horas todas que podia estar. Era à tarde e era à noite estava ali. Era até mandar chamar. E chorava, chorava, chorava, porque eu estive em estado de coma porque era uma ráquia. Naquela altura davam uma injeção na espinha para adormecer, mas em vez de tirarem o liquido que tinham posto, não tiraram. Nem me podiam pôr a mão na cama porque eu tremia toda, toda, toda. Aquilo era uma aflição. Ele chorava, chorava como uma criança. E ele ia todo vestido de preto pela mulher e barba por fazer e chorava. As doentes diziam assim:

- "Esse senhor que está aí ao pé de si - quando eu comecei a ter mais lucidez e tinha saído do estado de coma - é seu paizinho?"

- Não senhor.

- "Então é seu irmão?"

- Não senhor.

- "É seu familiar?"

- Não senhor.

- "Não é seu parente?"
- Não senhor.
- "Então o que ele é?"
- É um colega de trabalho.
- "Olhe, então se ele é um colega de trabalho admira-me muito porque ao fim ao cabo não é um colega de trabalho que está aí nessa choradeira todos os dias."

Porque ele via-me mal e chorava. Estava com medo que eu morresse. Ele esteve sempre ali. Sempre, sempre, sempre à minha cabeceira. Eu estive lá internada depois da operação, estive à razão de um mês e meio ali na clínica. Passado um mês e meio eu tinha que sair e ele torna-me a falar na mesma coisa. Eu fiquei a pensar naquilo. A minha mãe não me foi lá ver vez nenhuma, ele foi a única pessoa que me foi ali ver.

Casamento "*Ai que noiva tão chalada*"

Acabei por casar com o meu marido. Digo assim então: se ele não me era nada, apresentou tanto amor enquanto eu estive doente tem uma filha inválida com 7 anos, eu não posso fazer isto. Amor com amor se paga. Eu não gosto dele mas tenho que me casar. Fui casar.



**Bodas de prata do casamento de Zulmira
e Albano Simões (29 de Abril de 1970)**

Estavam já os convidados do casamento que eu estava para fazer, estava já tudo estipulado quem havia de convidar isto. Quando disse que ia casar com ele, a minha mãe infernizou-se de tal maneira, eu levei um murro nos queixos, ainda devo ter uma cicatriz, que ela me deu com um anel que tinha. Deu-me por causa de eu fazer aquilo. Mas é claro eu olhava de uma maneira diferente a vida. Olhava diferente da minha mãe porque eu queria tudo certinho. Fui casar com ele, mas não gostava dele.

Já não levei vestido de noiva. O segundo fato foi feito até onde eu andei de aprendiz porque eu andava a trabalhar e não tinha tempo. Eu bordei então o forro do casaco. Comprei um mais reles, do cetim que eu tinha para forrar o casaco. Era um cetim que havia, eu fiz uma blusa toda com umas bainhas abertas aos quadrados, para ir para debaixo da blusa. Mas eu tinha que levar uma flor de laranjeira. Era o que me faltava! Foi então uma flor de laranjeira que tinha servido para uma rapariga que se tinha casado. Eu não sabia se ela mereceu a flor de laranjeira ou não, mas eu achava que merecia a flor de laranjeira. Casei-me, mas a minha mãe só me atirou para os pés, não foi à mão, 50 escudos para eu comprar uns sapatos. Os sapatos para eu levar para o casamento. Tive que comprar uns sapatos abotinados, que nem era jeito de casamento, mas pronto eram aqueles e lá os comprei por aquele preço para levar ao casamento. Levava então aquilo assim. Como eu ia muito à missa na baixa eu levava então um véuzito, mas o véu era preto, rendado, um véuzito que eu tinha para levar à missa. E levei. Depois também quis um ramo de belas portuguesas, eram umas rosas que havia todas brancas e levava. Era uma noiva tão querida que quando passei na Rua das Farinhas, os miúdos que estavam a ver aquele casamento disseram assim:

- "Ai que noiva tão chalada."

Nunca me esqueceu dessas palavras. Realmente eu sabia que ia chalada, não podia levar ninguém a mal. Mas o que é que eu quero? Não podia ir de outra maneira. Eu entendia que a minha florzinha de laranjeira e o meu ramo tinham que ir. O resto não me interessava. E tinha a minha a consciência a acompanhar e fui.

A minha mãe, quando eu estava para sair de casa:

- "Está com pressa. Está com pressa."

Eu cheguei lá em baixo e começa o noivo.

- "Já devia ter vindo, os padrinhos já lá estão."

- Bonito serviço uns ralham por eu estar com pressa e outros porque eu não cheguei antes.

Mas calava-me. Eu era assim caladita. Via aquilo, não gostava, mas associava-se sempre para não estar a falar mais alto.

No dia do casamento ouvi missa por alma de um morto. Lá casei. Casei com o meu marido sem gostar dele.

Ele não quis dizer nada ao patrão. Também ficou revoltado o patrão por não saber que ele se ia casar e de eu lá estar e ele não dizer nada. Mas ele tinha aquele feito. Eu ia casar com ele, ele é que mandava não era eu. Fomos para o Parque Mayer. Ele comeu uns camarões e eu comi uns caranguejos e um pirolito.

- Eu não quero mais nada.

Não queria que ele gastasse muito dinheiro. Foram uns caranguejinhos e um pirolito. Foi verdade. Foi assim o meu casamento.

Descendência *Uma vida diferente*

"Com 7 anos levava-a ao colo"

A minha enteada na altura era uma criança rebelde, muito rebelde. Ela tinha 7 anitos e não andava infelizmente. Quando era pequenita, tinha 2 anos, ela ainda foi à Benfeita de onde era o pai, foi lá e ainda andava, mas depois ela apanhou uma meningite. Ainda andaram com ela em vários tratamentos e ela coitada tornou-se assim um bocadito rebelde. Uma vez fui lá entregar um gelo lá a casa, digo assim:

- Então Maria Odete vai melhor?

Maria Odete não. Menina Maria Odete.

Pôs-me logo o artigo em linha. Outro dia chego lá, queria que eu abrisse o mealheiro.

-Para quê que a menina quer o mealheiro?

- "Ora essa para quê que o quero, quero que mo abra que é para tirar dinheiro."

Digo assim:

- Para quê?

- "Ora essa, para comprar uma pinça."

- Então e a menina sabe para que é um pinça?

- "Então não sei? É para depilar as sobrancelhas."

Era assim uma criança pequena, mas com uma certa dedicatória que não tinha limites, mas depois lá me dediquei àquilo. Levava-a à escola. Lá havia uma escola em baixo. Eu levava-a ao colo. Com 7 anos levava-a ao colo porque eu não podia leva-la de outra maneira.

Quando ela lá chegou disse:

- "Vejam como esta menina vem limpinha para a escola. Com as orelhas bem limpas, as unhas e tudo."

Que lá davam muito esse valor. A escola era de um poeta que a tinha mandado fazer e era uma escola particular.

Mas a professora aí fez asneira. Quando ela lá chegou:

- "Esta, menina tem o direito de fazer o que ela quer porque ela é uma menina que não anda e vocês têm mais juízo que ela."

Mas depois ela tornou-se uma revolucionária dentro da escola que ela disse:

- "Não posso ter a sua menina na escola. Tenho muita pena."

Ela tinha aquela professora a tomar conta dos meninos, mas ela revolucionou aquilo de tal maneira que a professora mandou-a para casa.



Zulmira com o marido e 2 filhas (Santo Amaro da Cerdeira, 1955)

"Ele estava habituado a umas coisas que eu não estava"

Depois de já estar casada, o meu marido pensou em vir para a Benfeitá porque se vivia com menos dinheiro. Com aquelas ideias dele que era pessoa antiga nas coisas de fazenda. Não tinha outra história que foi a que ele aqui viveu humildemente.

Ele era de cá e os pais também. O pai era magarefe, matava animais e vendia a carne e assim. Ele estava habituado até a andar nas obras assim e ele andou em Lisboa e já estava chateado de andar lá a mando dos outros, depois quis vir para a Benfeita. Veio para a Benfeita, mas ele estava habituado a umas coisas que eu não estava. Era umas sardinhas metidas nuns coisos pretos, pareciam uns potes pretos. E tinham ali a sardinha de mês para mês. A sardinha já era amarela e queria que cozesse aquilo e eu não queria. Não estava habituada àquilo e dizia:

-Então se vem aí sardinha fresca para quê que eu vou comer sardinha amarela?

Fomos andando. Eu como sabia alguma coisa de costura comecei-me a dedicar à costura cada vez mais e fui trabalhando, que eu do meu marido nunca recebia ordenado nenhum, que ele nunca sustentou a casa. Trabalhei sempre de costura. Não que o meu marido me ajudasse na casa. Lá criei a minha enteada e as minhas duas filhas. E foi aí que eu as criei. Graças a Deus não era com riqueza, mas era com a humildade que eu tinha e queria as trazer sempre arranjadinhas e preparadinhas. Havia lá ricas, mas não havia lá tão bem arranjadas quanto elas. De saias até já usadas e tudo eu fazia um vestido bonito para as minhas filhas. Uns bibinhos brancos lá bordados. Quer dizer depois de ter feito a minha obra, de noite o meu serão era fazer aquelas coisas para as minhas filhas. Gostava de as ver sempre enfeitadinhas. E lá as criei coitadinhas. Levei-as à escola. Fiz tudo quanto pude. Fiz os dois casamentos. Sem vergonha do mundo.

Filosofia

"Estavam todos doentes"

Eu então, ao domingo depois de ter o meu trabalho feito ia à missa e depois ia ver quem estava doente. Ainda me lembro uma casa que eu fui limpar. Estava a mãe, o pai doente e os filhos numa lojita em baixo. Estavam todos doentes. Eu cheguei lá a casa, vi tanta sujidade em cima da mesa. A broa parecia cimento armado. Um pente com cabelos. Na cozinha era só louça suja já azeda, porque a mãe não tinha podido lavar e as filhas adoeceram, ninguém lavava nada. Só havia uma velhota que era a avó que essa é que estava a olhar por eles, mas também não fazia nada que ela coitada também não podia.

Eu cheguei um dia lá, depois de vir de missa. Agarrei numa vassoura. Primeiro a roupa que me parecia limpa que estava lá no monte pus dobradinha numa cesta que elas tinham lá. A que me parecia suja pus toda num saco e pus à parte para lavar. Lavei a louça toda que estava na cozinha. Tirei os azedos

e aquilo tudo que estava na mesa. Também tirei a louça toda, foi toda lavada. Limpei mesa. Depois varri a casa toda, mas o que me admirava é que eu ia ao quarto dos velhotes e por mais que varresse estava sempre a vir areia, areia, areia. Digo assim:

- Eles têm um andar por baixo onde dormem as filhas como é que pode isto ter aqui tanta terra?

Se aquilo fosse terrestre, era porque estava assente sobre terra, mas não, havia o quarto das filhas por baixo, como é que... O velhote coitado antes de adoecer e ela vinha com as tamancas sujas, ele com as botas cheias de terra e depois atiravam para debaixo da cama. Aquilo juntou até erva. Varri aquilo tudo. Depois de varrer aquilo, tinham à porta mato, pela estrada. Todos tinham no geral. Havia pouca gente que não tivesse. Só se cá estivesse mais para baixo. Punham mato e depois até os despejos deitavam ali para o mato, à porta. Aquilo era só papéis e lixo e lixo e lixo. A velhota era assim:

- "Ai meninas se se pudessem levantar. Se se pudessem levantar vinham ver que nunca esta casa teve uma limpeza tão grande."

Digo:

- Ai meu Deus, se ela nunca teve uma limpeza tão grande como é que eles conseguiram aqui viver nisto.

"Começaram logo a dizer que eu ia fazer bruxedo"

Ainda houve duas crianças que eu salvei no meio da minha força de vontade. Uma em Lisboa e outra aqui na Benfeita. Uma em Lisboa porque eu andava a dar Dreia à minha filha. O médico perguntou quando ela nasceu lá em Lisboa, se eu queria uma filha com saúde e magrinha ou se queria uma filha gorda e sem saúde. Era um médico mulato, mas era uma maravilha de um médico. Era de uma policlínica. Digo eu:

- Antes quero ter uma filha magra e com saúde. Portanto eu pago Dreia.

Era um leite que vinha de fora. Eu pagava para dar a ela.

Nasceu uma miúda lá de uma vizinha minha, mas que era rica e quando viram que eu andava a tratar da minha, pediram-me. Ela adoeceu. Vieram-me pedir para eu ir guiar a miúda dela com o Dreia. Eu disse:

- Vocês quando comprarem o leite que não seja azedo. Cheiram-no primeiro e depois dão à menina. Se estiver o cheiro a azedo não dêem à menina que pode apanhar uma doença grande. De maneira que eu andei a guiar a miúda. Passado uns quatro meses de eu andar a guiar a miúda, já não andava a tratar dela. Era um quintal em baixo, um quintal muito grande, com fraldas e tudo, muita roupa de criança suja e já levavam a criança para rua e digo eu:

- Meu Deus o que é que se passa com aquela criança?

Eu andava a guia-la e agora passou um tempo que não me disseram nada. Quando ela já estava a ganhar carinha e a menina assim.

Digo assim:

- Isto passa-se qualquer coisa, deixa ver o que é que elas....

Vou a perguntar, a menina tinha uma doença que apanhou porque compraram leite azedo deram à menina. Queriam ser grandes e serem eles a dirigir aquilo, mas não conseguiram dirigir como devia ser. Diz assim:

- Então como é que está a menina?

- "A menina está quase a morrer. Já está desenganada dos médicos."

Eu então fui lá ver a menina. Fui lá ver menina, o quarto só cheirava mal e azedo e às fezes da criança. Quer dizer, era uma criança que a gente pegava nela e ela vazava tudo, tudo para o chão. As fezes. E a menina com os olhos encovados, já todos negros. Eu digo assim:

- Ai ao que deixaram chegar esta menina. Então agora arranjem-me um eucalipto.

E o fogão, era um fogão daqueles que dão vazão à bomba. Os fogões de petróleo.

- Arranjem-me um fogão de petróleo e um tacho com água a ferver e eucalipto e abram a janela.

Começaram logo a dizer que eu ia fazer bruxedo. Assim:

-Eu não sou bruxa nenhuma. É para desinfetar o ar que vocês têm isto tudo que é um ar até para os que têm saúde isto prejudica.

Chorava o pai, chorava a mãe, o avô e a avó. Tudo chorava porque a menina estava a acabar. Ficou lá aquilo a arder e todos os dias queimava um eucalipto para aquele cheiro assim.

- Eu agora vou levar ao meu médico que anda com a minha filha que é muito bom que é mulato é muito bom.

- "Ai se fizesse esse favor."

- Vou lá com ela, mas tem que me dar uma fralda com a sujidade da menina. Ela vazava, mas sempre ficava aquele coiso... Têm que me dar o leite que lhe deram, os medicamentos que o médico onde foram...

Receitaram até um remédio de cerveja lá tinham para a criança. Para um anjinho que tinha nascido há pouco. Disse assim:

- Levem estes medicamentos todos que ele exige isto. Os medicamentos que a menina tomou, a fralda, o leite. Tem que levar isto tudo.

Cheguei ao médico diz ele assim:

- "Então onde é que a senhora foi buscar?... A senhora não tinha coisa pior que isto para me trazer?"

- Ó senhor doutor, pois por eu saber que a menina estava muito mal e que o senhor doutor é um belíssimo médico, eu trouxe a menina para ver se o senhor doutor fazia alguma coisa dela.

Foi pesá-la, a menina tinha um peso desgraçado. Não pesava quase nada. Ele ficou pasmado.

- "Olhe eu não vou garantir, mas para cuidar da menina é preciso haver duas pessoas muito interessadas em curar a menina, porque é medicamentos durante a noite."

Eu disse:

- Isso o senhor doutor esteja descansado. Ela tem lá um avô e tem lá um pai que se eles não fizessem nada pela menina não havia quem fizesse. Estão lá para ficar toda a noite. Portanto o senhor doutor faz favor de arranjar.

- Mas não diga nada à mãe, eu é que levo tudo explicado como é que eles hão-de fazer que é para dar a ideia a eles.

Assim foi. Cheguei lá a casa, chovia água se Deus a dava. Eu com medo do meu marido que ele estava na loja a trabalhar nessa altura, na loja de onde eu saí, se me visse ali o casaco. Ficou em casa dos avós dela no quintal, o casaco toda a noite ao pé do fumeiro para secar. Para o meu marido não saber que eu tinha ido com a menina. Porque começava logo:

- Tinhas que ir, foste-te encharcar, foste assim.

Era um banzé e assim ele não soube de nada. Fui avisar o pai da menina e o avô. Trataram aquilo como devia de ser e a menina foi curada. Quer dizer, começaram ali no tratamento. Diz ele:

- "A menina não sei se ela tem muita vida. Porque vai ser muito difícil. Não me responsabilizo por aquilo que ela há-de viver, mas se a senhora diz que é gente com..."

- É sim, senhor doutor.

Assim foi. Eu vi a menina. A menina começou a ganhar carinha e a ganhar peso e eu fui lá com ela. Fui lá com ela e quando o médico viu diz ele assim:

- "Sim senhor. Olhe que nunca esperei que esta criança conseguisse melhorar."

Mas eram umas pessoas tão ingratas que depois de verem que a filha estava salva nunca mais me ligaram. Nunca mais me ligaram.

Percurso profissional *Uma vida sempre ligada à costura*

"Ela disse que em vez de estudar que arranjasse no jornal um emprego"

Como o meu paizinho morreu a minha mãe mudou-se então para Lisboa. Mas naquela altura não havia reformas para nada. Nem o meu paizinho teve direito a nada. Era a minha mãe a ganhar para nós.

A minha mãe então andava assim muito bem arranjada. Ela comprava peixe em Setúbal, mas não carregava com ele. Tinha uns moços de fretes. Vinha para Lisboa e tinha lá os homenzinhos que vinham buscar e depois iam levar aos restaurantes para quem ela trazia aquelas encomendas. Era assim, porque ela não tocava no peixe. Era só para comprá-lo e depois trazer para Lisboa para aqueles restaurantes bons que ela vendia. Governávamo-nos assim. A minha mãe ganhava bem na altura, mas era uma pessoa muito esquisita. Se ela pensasse que havia de ganhar 100 contos, não vamos a contos, 100 mil réis e que ganhasse só 5 dizia que tinha perdido outros 5. Era assim tudo a diminuir.

Fomos vivendo assim e ela disse que em vez de estudar que arranjasse no jornal, o Diário de Notícias para ir ver onde é que havia um emprego. Fazia-me levantar com frio de manhã cedo para ir ver o jornal, para apanhar o primeiro jornal.

Havia aqueles anúncios que vem e eu fui procurar um emprego. Onde é que eu fui? Fui então para uma folha onde estava aprendizas de modistas de coletes. Eu aproveitei que era para não andar sempre com o jornal na mão. Eu lá fui para uma costureira de coletes. A costureira de coletes gostava muito de mim, mas o quê, espetava-me com o trabalho todo na mão. Ensinava-me mas eu aprendia depressa. Então ela ensinava o que é que havia de fazer. Ela recebia os coletes das alfaiatarias e depois vinha, ela fazia e depois ia entregar. Eu é que tinha de ir entregar. Estive ali, mas depois havia uma costureira de calças, como sabia que eu era muito esperta queria que eu fosse para lá. Foi dizer à minha mãe, para eu ir lá para aprendizagem de fazer calças de homem. Eu fiquei danada. A mulherzinha precisava porque tinha uma filha a estudar e o marido tinha morrido. Eu tinha pena da mulher e ela precisava mais de mim que a costureira de calças que tinha marido e tinha tudo e ela não tinha mais nada. Mas a minha mãe obrigou-me a ir, mas estive lá pouco tempo. Estive lá a aprender. Já sabia pontos. Os pontos sabia eu o resto aprendia depressa. Eu fartei-me e:

- Eu não estou mais para ela que ela é rabugenta...

Dizia eu à minha mãe para me safar de lá.

- "Então arranjas agora outro."

Arranjas outro e eu fui arranjar outro. Então eu fui para quê? Vi lá um anúncio de bordados. Julguei que ia aprender bordados. Isso gostava porque ainda não sabia, queria os bordados. Fui para a costureira dos bordados. Cheguei lá para que era? Para acender o ferro, varrer a casa, dar de comer aos gatos e tinha lá mais bordadoras, mas era à máquina, nem era nenhuma à mão. Daí a um tempo passei a recortar os bordados que elas faziam, mas só a recortar. Um dia em vez de recortar que havia de recortar por fora recortei por dentro. Como fiz aquilo, tinha medo delas que me ralhassem. Estava tudo em monte conforme iam. Depois até fugia para a janela da outra senhora que via passar também um senhor da Guarda Nacional Republicana que morava num prédio de frente e eu quando o via julgava que vinha alguém para me prender por causa dos bordados. Era uma arrelia que eu tinha.

- Como é que elas vão fazer? Vão-me fazer pagar os bordados. Ai a minha mãe dá-me uma sova tremenda.

Mas não foi. A minha mãe não viu sequer e elas também passaram aquilo à história, mas eu ao outro dia não fui para os bordados porque estava com medo que me fizessem pagar. Fui então para outra costureira que lá havia em baixo ao pé da igreja, mesmo perto dali de uma avenida. Tinha 10 anos.

Na modista de coletes, estive lá e ainda estive bastante tempo. Ainda estive aí uns quatro meses ao pé dela. Depois a minha mãe fez-me girar para a outra e aquilo não havia.

Na das calças estive pouco tempo, que embirrei com ela porque ela foi-me tirar à outra e eu não queria. Que a outra merecia mais que ela que ela tinha capacidade para governar a vida dela e a outra não tinha. Tinha uma filha que queria que ela estudasse coitada ela nem dinheiro tinha para pagar o curso da filha.

Ainda fui para um alfaiate. O alfaiate pediu, fui para lá. Não me importei nada porque gostava de aprender casacos de homem e fazer aqueles pontos e aprender a fazer marcações, coisa que as outras era para acabar trabalhos e aquele era para passar marcações e a enchumaçar e aquilo tudo e esse mais agradava que já ia mais além. Eu queria era saber cada vez mais. Aí no alfaiate já tinha 12. Depois dos 12 anos, a minha mãe embirrou e foi-me pôr numa modista, essa rapariga que trabalhava de costura, mas de costura geral. Foi-me lá pôr na modista para eu aprender costura. Eu fui. Agradava-me tudo o que fosse coser e fazer qualquer coisa que desse resultado, eu gostava.

No alfaiate foi um ano mesmo que eu estive lá. Mas depois ele começou a ser assim abusador em certas coisas e eu não estava agradada com aquilo. Não me estava a agradar e não queria estar no alfaiate. Como não queria estar no

alfaiate fui então para essa senhora da costura que a minha mãe arranjou. Porque ele às vezes estava a engomar um casaco e umas coisas e dizia assim:

- "Toma lá, segura aqui. "

E encostava-me muito as mãos... pronto, não vale a pena explicar mais. E eu não gostava daquilo. Era miúda, não tinha maldade nenhuma, mas aquilo repugnava-se. Disse à minha mãe e aí é que ela me passou para essa senhora então, essa modista que ela lá arranjou de costura. A minha mãe enervada tinha uma rapariga amiga que trabalhava de costura, não era assim grande coisa, mas trabalhava de costura, só que pertencia a outra classe assim mais alta e pôs-me lá aprendiz de modista. Fui para lá, comecei-me a adaptar de tal madeira que depois eu já ensinava as outras aprendizas que lá estavam. Andei de costura ali e ela viu a minha habilidade que depois ela talhava e provava e depois o resto é que ficava nas mãos da Zulmira. Aí já eu estava nos meus 13 anos. Aí fui para lá. Houve uma cliente que foi dizer à minha mãe:

- "A sua menina lá é uma sacrificada. Então ela é que faz o trabalho todo enquanto a outra anda a passear com marido. Vai para a baixa, vai para aqui para ali."

Eu ganhava 7 e 500 aí. Quando fui para os bordados ganhava 10 tostões. E para os outros a mesma coisa. Os tais bordados onde eu fiz lá aquele disparate. Só sei dizer que depois a minha mãe exigiu-lhe mais ordenado, exigiu-lhe que era pouco o dinheiro que me dava, e para o que eu fazia que não estava certo.

- "Aí não dou mais."

- "Não dá mais vai para casa trabalhar."

Levou-me então para casa. Então ainda tinha umas clientezitas ali. Crianças e tudo. Eu andava a trabalhar também para crianças. De maneira que tinha ali umas clientes. E a minha mãe:

- "Então tens que trabalhar aqui."

E trabalhava, mas depois a minha mãe queria que eu pusesse a linha de alinhar nas contas, isto e aquilo. Ela não percebia nada de trabalho de costura e queria que eu levasse aquele dinheiro e eu tinha vergonha. Queria só levar o que era o essencial, o trabalho que eu tinha. Depois comecei a aborrecer-me com aquele ideia. Elas iam lá e eu dizia:

- Ai tenho muito que fazer.

Pois tinha porque ela depois não só contente por eu fazer a costura, ainda me empregou numa loja na Praça da Figueira cá fora nos pavilhões, ali estar ao balcão por causa de atender os clientes.

"Cantava, daí dançava, fazia tudo o que havia para fazer"

Fui para a rádio porque eu fazia anos, a minha mãe não me queria dar prenda e foi-me matricular na rádio Hertz na altura. Na Costa do Castelo. Havia lá o rádio Hertz que saiu depois do ar e eu fui para lá para o rádio. Cantava, daí dançava, fazia tudo o que havia para fazer. Cantava e tinha uma canção que era uma avó e um neto. Ela a cantar a canção da avó e do neto e eu cantava aquilo e depois tinha uma parte que eu fazia falado e aquilo tudo. Aquilo começou a ser uma alegria. Foi lá então uma senhora mais o marido e o filho disse:

- "Ai, quem é aquela menina? Gosto tanto dela."

Diz ela assim:

- "É a que canta o sonho da criança."

- "Ai que eu gostava de falar com ela. Ela canta tão bem, tão bem. "

Lá me conheceu a senhora e tudo e eu lá cantava aquilo. Era a prova dos caloiros. E os caloiros iam todos cantar. Então, eu era a que estava mais adequada. Estive lá muito tempo. Depois dançava. Faziam bailes e faziam aqueles concursos e tudo e eu ia também. Tudo o que eu fazia. Eu em casa às vezes ainda vou buscar essa moda, mas agora não. Havia uma parte que era assim:

"Que doce visão da avó e do neto, o meu coração faz brilhar de afecto. Dormiu meu bem - eu falava - chora amor."

Estas partes cantava-as assim. Tinha uma voz boa. Agora a minha voz às vezes ainda dá para cantar na igreja. Quando estou bem-disposta ainda canto.

Quando fui para a rádio, já tinha 15 anos. Depois veio um produtor da Emissora Nacional que nessa altura eles é que iam de rádio em rádio granjear as vozes melhores para levarem para a Emissora. Que ainda era do tempo da Graça Maria, que ainda me lembro muito bem dela. Essa era assim dessas mais... E ele queria-me levar. Aqueles que contratam as cantoras e depois arranjam os programas para elas. E a minha mãe disse:

- "Se for a irmã com ela muito bem."

Querida que a minha irmã também fosse cantar, mas o quê eu tinha a voz melhor que a minha irmã. Eles diziam:

- "Não. Desculpe pode ir acompanha-la, mas para cantar não. Só nos interessa esta menina."

- "Então não vai."

Não vai, e eu não fui. Cortou-me a carreira, também não fui, que eu gostava de cantar. Depois um dia foi lá um compositor de valsas e foi lá estreitar as valsas deles, a composição, lá à rádio Hertz numa grande festa. A minha irmã era mais

bonita que eu. Julgava que era ela a escolhida, não foi. Umhas pessoas achavam-me a mim mais, outras pessoas achavam a ela. Eu por mim não me importava. Essa não me castigava dela ser mais bonita. Depois como ela me disse que não, ela tinha que me arranjar alguma coisa, empregou-me então na frutaria. Havia um senhor que queria ir para férias, o dono do estabelecimento, mas queria uma empregada que fosse uma pessoa para tomar conta da caixa.

"Chegava lá fazia o negócio e ainda muitas vezes melhor que a minha mãe"

A minha mãe tinha adoecido, ainda antes de eu ir para esse trabalho na frutaria. Tinha adoecido e o trabalho que a minha mãe ia fazer a Setúbal eu ia lá fazê-lo. Entregava aos moços. Tinha que apanhar o eléctrico para o Terreiro do Paço, do Terreiro do Paço apanhava barco, do barco ia no comboio e para cá fazia o mesmo trajecto, para o negócio da minha mãe não acabar. Mas tanto nos hotéis como lá no barco, toda a gente gostava de mim. Diziam para a minha mãe:

- "Tem uma filha tão quietinha, tão quietinha, ela vai aqui no barco vai sempre a fazer croché. Não se mete com ninguém, nem deixa ninguém meter-se com ela."

Chegava lá fazia o negócio e ainda muitas vezes melhor que a minha mãe. E depois vinha, que eu não pegava em nada. Só fazia o negócio e eles carregam. Haviã uns em Setúbal que carregavam para o comboio, e chegavam ao Terreiro do Paço e havia outros que levavam para os restaurantes. Só depois ia comparecer e fazer contas. Andei naquilo. A minha mãe até adoeceu e eu fui-lhe pôr umas ventosas. Por cá também apanhou uma doença, uma pneumonia e eu pus-lhe umas ventosas.

Tinha medo, mas um dia cheguei lá, foi uma tristeza muito grande. Cheguei lá e faltava-me um tostão, sem mentir, nas contas que eu apresentava. A minha mãe tinha o passe que era diferente, mas eu tinha que pagar todos os dias com dinheiro da minha mãe é claro, a viagem que eu transitava. Depois nas contas faltaram-me um tostão, um tostão. Hoje não é nada, mas naquela altura era dinheiro. E a minha mãe disse-me:

- "Roubaste-me o tostão."

Eu assim: - Ó mãezinha, por amor de Deus, eu não roubei um tostão.

- "Jura pela alma do teu pai."

- Pela alma do meu pai não juro que eu não juro por ninguém, muito menos pela alma do meu pai. Eu digo que não gastei e que não tirei, não tirei.

Mas jurar não jurava. Eu queria que acreditassem na minha palavra e não em juras. Era assim que eu queria. No final de contas, fartei-me de chorar. Como

é que a minha mãe ia duvidar de mim com uma coisa daquelas, se eu fazia o negócio e ainda chegava lá mais dinheiro do que quando ela fazia. Eu digo assim:

- A minha mãe diz-me isto.

Chorava, chorava, chorava. Via aquela indiferença. Que ela ia sempre tratando-me com indiferença, sempre, sempre, sempre. E digo eu assim:

- Meu Deus!

Mas aquele dia quando a minha mãezinha até estava para morrer, eu cheguei ao pé da cama dela e a minha mãezinha pediu-me perdão, chamou:

- "Ó filha perdoa-me tudo aquilo que eu tenho feito até aqui. Mas não sei é uma coisa que eu tenho em mim, tinha que embirrar contigo. Tinha que sempre embirrar contigo e não com as tuas irmãs."

Não me deixou fazer a Comunhão Solene. Se eu fizesse a Comunhão Solene era vaidosa porque queria ir com o véu branco. Naquela altura era um vestido branco e aquela coisa, e ela não me deixou fazer. Então o padre e a catequista foi lá ter com a minha mãe para eu fazer a Comunhão que eu sabia muito bem e que deixasse ir. A minha mãe disse logo:

- "Não vai. Ela se fosse era por vaidade. "

E depois deixou fazer a minha irmã a Comunhão Solene. E essa já podia ir de branco, já não era vaidade. Era tudo assim. Eu era sempre castigada. Mas quando a minha mãe quando me pediu perdão e eu daquela idade, eu sabia o mal que a minha mãe me tinha feito toda a vida e eu saber aquilo que estava-se a passar... Digo assim:

- Não pode ser. A minha mãe a pedir-me perdão. Assim ela viu bem o que me fez. Reconheceu o que me fez, não há direito de uma coisa destas.

E a minha mãe então teimou que me havia de pedir perdão. Fui para o meu quarto, as lágrimas caíam-me em quatro e quatro de ver que a minha mãe se viu obrigada, não se viu obrigada, sentiu que havia de me pedir perdão naquela hora. Sentia-se mal e fez isso.

"Parecia que vinha para um poço sem fundo"

Vim para a Benfeita devia ter os meus 24. Eu lá em Lisboa estive pouco tempo. Trabalhei sempre, sempre, sempre na costura. De dia e de noite, mas tinha uma força e tinha uma vontade louca de vencer a minha costura que passou a vir muita gente de um lado e do outro. Tinha gente de Coimbra, tinha de gente de Arganil. Vinha tudo ali. Até da serra vinham. E eu fui-me dedicando àquilo. Depois tinha um cérebro... Nem que tinha uma trouxa, punha ali tudo, das clientes. Não escrevia de quem era, mas eu sabia de quem era aquilo tudo. Fui ganhando prática por mim própria. Fui criando as minhas filhas. Fiz os

casamentos delas sem vergonha do mundo e aturei o meu marido até ele morrer. Nunca desconsiderei o meu marido, apesar de ele ser um humilde trabalhador, rachador. Era rachador de lenha, mas isso nem para os copos dele dava. Tratei dele sempre até à hora da morte com o carinho com que havia de tratar lá em casa. Não digo que uma vez por outra ele não gritasse com qualquer coisa, mas era o feitio dele. Era um homem criado aqui na aldeia.



Zulmira Alexandrina da Luz com 18 anos (Lisboa, 1942)

Quando vim da cidade para a Benfeita parecia que vinha para um poço sem fundo. Julgava eu que vinha para um poço sem fundo. E as pessoas cá estavam muito atrasadas. As primeiras saias que apareceram de fecho e tudo foi por mim. E as blusas, que elas aqui eram uma saloiada completa. Comecei a fazer aquele progresso. Chegaram as mulheres da Benfeita a terem inveja de mim porque os maridos diziam:

- "Uma costureira, ai a "Modista"."
- Puseram-me o nome de "Modista".
- "Olha para ela. Vem ali tudo."

E elas como me gabavam...

- "O Albano é que teve sorte."

Então ganharam-me todas uma inveja terrível. Ainda sofri esse ataque de invejas. Mas eu tudo suportei. Não me incomodei. Por acaso também ninguém nunca me maltratou. Respeitavam-me, mas havia muita inveja, muita inveja.

Para homens não. Fazia só para mulheres e para crianças. Uma saia, uma blusa era aí uns 10 escudos. Era 5 escudos, 10 escudos. Era conforme o feitio da saia. Fazia dos tecidos que elas me apresentavam. Eu não vendia. Elas traziam o tecido. Iam até à feira de Mont'Alto de noite para não levarem as coisas umas iguais às outras. Iam ao Mont'Alto e passavam às vezes à minha porta aí à meia-noite para entregarem para não saberem umas das outras, para eu não dizer. Para não se fazerem o mesmo feitio nem nada. Era assim. Quando eram os dias de festas de lá. Vinham todas as que eram do Sardal e assim dos Pardieiros, vinham-me entregar a obra sempre de noite. E o Monte Frio era a mesma coisa. Era tudo escondido que era para umas não saberem o que as outras vestiam. E eu lá atendia todas.

Gostavam do meu trabalho. Havia até uma cliente em Coimbra que o marido era engenheiro. Ela era uma senhora toda como devia ser e tinha muita gente conhecida, assim médicos. Ela pedia-me para eu ir lá passar 15 dias. Eu disse assim:

-Se o meu marido deixar. Sem ordem do meu marido não vou.

La para lá passar 15 dias, para talhar e provar. As esposas deles que nunca tinham pegado numa agulha, estavam lá numa sala e eu ensinava-as a passar marcações e tudo aquilo era uma alegria. Os maridos os doutores estavam no escritório do senhor engenheiro, a fazerem uma pândega todos juntos. O dia que lá ia, aquilo era uma alegria para Coimbra, para aquela gente que tinha as senhoras que lá iam. Era às quatro e cinco. Estavam ali assim todas. Eu talhava e provava. Nunca me deixava vir sem coisas para as minhas filhas e tinha que ir à praça comprar nem que fosse carne ou peixe para trazer para as minhas filhas. Era uma senhora muito minha amiga. Até o filho dela que é doutor. Foi ela que baptizou a minha neta, a minha Elsa Maria. Foi ele ser o padrinho por gostar tanto daquela animação e conheci-o ali de pequenino e tudo e depois foi crescendo. E eu ali trabalhei. Depois vim para casa. Quando eu estava a arranjar a mala para me vir embora para casa:

- "Isto até me faz nervoso. Esta senhora trataram-na cá mal com certeza."

Não me deixavam levar nada para lá. Não me deixavam pagar nada. Davam-me almoço e jantar e lanche. Eu ali a trabalhar em casa dela e não admitia que eu não levasse nada pela obra dela. Tinha uma filha que tinha uma coisa no sangue, também um mal qualquer, chamavam-lhe a Zézinha. E eu dizia:

- Então mas não me vai proibir de fazer trabalho para a Zézinha e desse não levo nada. Pode estar descansada, nem que a senhora não me deixe cá vir mais, mas eu para essa não lhe levo nada. Mas a ela não admitia que eu não levasse nada. Tinha que levar dinheiro. Assim vivi até o meu marido morrer.

Costumes A Benfeita vista na primeira pessoa

A paisagem era quase como a de hoje. Bem, hoje está muito mais civilizada. Naquela altura era uma gente trabalhadeira do campo. Andavam aí, ajudavam uns aos outros. Nessa altura ainda ajudavam uns aos outros. Não pagavam a tanta gente de fora. Elas trabalhavam, iam ajudar àquela vizinha. Aquela vizinha ajudava a outra. Ajudavam-se uns aos outros muito. Ajudavam-se muito. Era uma aldeia e havia muita gente mesmo assim, muita gente.

As festas do Inverno

Aqui no Natal havia pouca coisa. Eram a queimarem os cepos. Era a única coisa, mais ou menos que faziam. Às vezes lá havia uma musicazinha, uma viola se houvesse, mas coisa pouca. Havia isso dos cepos e era o que faziam. Havia as procissões. Nas Janeiras andavam a pedir chouriças que era para depois fazerem uma patuscada à noite. Era assim. Não havia assim grandes festas.

Uma Páscoa tradicional

Na Páscoa vinha o padre a casa. Vinham os sacristães, vestidos com umas batinas para pedir dinheiro para os santos e para levarem o folar. O padre benzia casa e benzia as pessoas que estavam na sala para assistirem ao senhor. E havia essas festas de igreja.

Havia a Morte do Senhor. O Suplício do Senhor e vinha-se para a rua também. O dia que era Sexta-feira Santa, vinham aquelas cerimónias da Sexta-feira Santa. Vinham os andores. O meu genro também chegou a ir fardado. Quer dizer, eles faziam o papel muito bem, muito bonito. Ele vinha a pé.

"Parecia que ela era uma imagem de cera que ali estava"

Na Sexta-feira Santa a minha filha até chegou a ir para o altar. Parecia um anjo de cera. Era miudita, mas ia bem proporcionada. Graças a Deus, saúde ela tinha. Então, chegaram-na a levar para um altar-mor, assim onde põem

o Senhor às vezes... Na cidade não há muito disso. Tem assim uma abertura onde tem coiso que eles descem e sobem, um painel. Então levantam para cima. Quando era nas festas do Senhor, vinha o Senhor que desarmavam na capela que há aqui na Benfeita. Traziam o Senhor dos Passos com a Cruz às costas e o senhor ia lá para cima. E aquela ia vestida de anjinho, a minha filha vestida de anjinho. Com umas asas brancas. Tinha uns bracitos muito delgadinhos. Não sei como era que o cálice era forte, mas ela tinha uma devoção por olhar para o Senhor que os olhos fixados no Senhor. Ela usava os canudos muito bonitos. Ela tinha um cabelito escuro e uns canudos. E a branquidão dela, a pele dela parecia cera e ela com os olhos fixos, que não se moviam, a olhar para o Senhor. E com o cálice a aparar o sangue do Senhor. Esteve ali, foi de tal maneira que chocou as pessoas aqui das aldeias, as velhas choravam. Nunca tinham visto uma coisa tão bonita. Parecia que ela era uma imagem de cera que ali estava. Mais tarde quiseram a minha Graça Maria. A outra filha que eu tenho no Pisão, mas essa era muito traquina. E ela também foi. Esse já era outro padre. Digo assim:

- Escusa de levar a menina que ela se me vê na igreja ela começa-me logo a dizer adeus. Teimaram até em a levar juntamente no mesmo andor e ela dizia adeus. Foi lá para cima. Ela pegava no cálice, olhava para toda a gente para ver se estavam a fazer pouco dela. Era traquina que se fartava. Mas a outra não. Parecia uma imagem. Tal e qual que ali estava. Depois mais tarde chegou a cantar também as Três Marias, já quando era mais crescidinha, também ia. E a outra ia vestida de anjo. Andaram assim sempre e participaram sempre em coisas de igreja.

"Eu então fiz o Rancho do Benfica para não ficar mal"

Na aldeia era assim essas festas que tinham. Os bailaricos que faziam ao domingo. Eram até no meu andar de baixo. Era um baile tão bom. Parecia um armazém. Iam para ali dançar as raparigas, mas eram muito humildes nessa altura. Chegava-se à hora do Terço dizia-se:

- Meninas agora vamos ao Terço.

Elas iam todas como uns passarinhos à minha frente para o Terço. Depois vinham. Eram raparigas que não tinham maldade, que não tinham aquelas coisas... Podia haver uma ou duas que tivesse um bocadinho de maldade, mas...

Fizemos uns ranchos de despique. Havia o Rancho do Manjerico e eu então fiz o Rancho do Benfica para não ficar mal. Porque as pobres estavam do lado do Benfica, essas não tinham ordem de entrar no Rancho dos Manjericos. Mas eu fiz um do Benfica. Então o que é que eu fiz? Fiz umas saias de papel vermelho.

Lá as fiz todas ao serão, porque de dia estava no meu trabalho. Fiz-lhes uns coletes pretos com bocados de saias velhas que elas tinham. Lá fiz os coletes pretos. Fiz uns barretes vermelhos para os músicos. Eram vermelhos e a barra toda picotadinha a branco. Para os músicos levarem. Fiz aquilo e veio a música de Côja a acompanhar. Os músicos a usar o mesmo barrete. E os rapazes também levavam os barretes. Fiz aqueles barretes todos. As saias e os coletes e tudo. Fiz uns arcs todos tesouradinhos de noite. Mas eu disse que queria simples. Eram assim uns arcs, mas depois de enfeitados faziam um vistão. Havia um senhor que já morreu também, que estava em Lisboa e que gostou de ver uma coisa daquelas. Quando estava a ser feito comprou-nos uns emblemas do Benfica, para as raparigas, para pôr nos coletes pretos e também para os rapazes outras coisas. Então pensamos na saída. A música não foi preciso muito. Apanharam-me logo a voz que eu sabia os cânticos todos do rancho, que dançavam no andar de baixo e eu sabia-os, na altura apanhava tudo. Então, conforme a música tocava, fomos para uma sala numa casa que havia quando começa a Benfeitá para cima. Fomos lá para a sala dessa senhora e fomos lá cantar a ver se os músicos apanhavam a minha voz. E ver como é que eu era a da frente. Eu também tinha que ir à frente. Apanharam-me a voz, eu cantava e eles já iam pelo meu cântico. De maneira que aprenderam as modas todas. Saímos para a rua. Com os arcs e os balões. Os outros não sabiam que a gente ia com os arcs e os balões. Então o que é que eles levavam? Levavam um ramo de giesta assim com um balãozito pendurado porque não sabiam o que a gente fazia. Pus uns aventais brancos, colados à saia de papel pus aqueles aventais brancos a luzir, com os coletes pretos. Elas não sabiam e então foram fazer uma porcaria. Iam espreitar, iam para os telhados, iam para as varandas para ver o que é que eu estava a fazer. Depois fizeram justamente o contrário do que eu tinha feito. Aquilo foi uma porcaria que não valeu nada. Então só sei dizer que saímos para a rua. Havia uns senhores. Um já morreu. Um ainda está quase para morrer que era o pai da Maria Adelina. Era do Rancho do Manjerico, mas quando viu sair o Rancho do Benfica, fomos para a rua acima, a música a tocar, viemos lá de baixo e atravessámos a Benfeitá toda e era ele assim:

- "Eu já não quero saber do Rancho do Manjerico. Rancho, mas rancho a valer é o do Benfica. Esse é que vai ali um rancho."

Ainda saímos aqui e ainda fomos à Dreia. O padre coitado que lá estava na altura também cantava já todo entusiasmado connosco. Depois dali fomos para a Cerdeira. A gente da Cerdeira brindou-nos com vinho do Porto e tudo. Já não nos queriam deixar de lá sair. Já queriam que fôssemos para outra terra, para o Barril. Eu assim:

-Eu já não vou mais, já estou cansada, já não vou mais.

E eu lá andava com aquilo. Havia partes, havia uma até que eu tinha que entrar pelo meio da marcha por aí fora a cantar. E eu fazia aquela festa toda. Quando havia uma coisa qualquer tinham que chamar a modista para a modista resolver alguma coisa. E foi assim.

Do rancho havia muitas. Mas se me mandassem cantar sem ser para estar a cantar agora, eu sabia muitas.

"Esta marcha vai na rua..."

"Apita o comboio, lá vai a apitar. Lá vai o Benfica ao Porto a chegar. "

"No campo do Porto ele vai jogar. E o comboio lá fica na linha a esperar. "

"Apita o comboio lá vai a apitar. Lá vai o Benfica ao Porto a chegar. "

"Bola fora agora chuta aí Rogério, bola bem jogada nunca fez mistério."

"Apita o comboio lá vai a apitar. Lá vai o Benfica ao Porto a chegar. "

"Bola fora agora, chuta o Azevedo. Bola bem jogada nunca mete medo."



Rancho do Benfica, Benfeita

Quer dizer, eu própria é que fiz os versos todos. E tinha mais, mas tínhamos também um da marcha de Lisboa. A música era de uma marcha de Lisboa e aí é que entrávamos na Benfeita. Havia várias.

"É tão linda a minha aldeia."

"Na minha aldeia não há ódios mas estimas. Tem-se amor pela vida alheia. "

"Todos são primos e primas. Sem ambições cada qual o seu pão granjeia. "

"E à noite há serões à luz da candeia. Há animais e criaturas."

"Dormem todas com afinco. Pois cá não há fechaduras. Fecha as portas só no trinco. "

"Junto à fonte há namoricos e ao domingo de manhã. "

"Desta gente os fatos ricos, vão à missa e vem mais são."

Era tudo assim. Mas é bonita esta canção. É a simplicidade.

Aquela gente toda adorava-me. Era para vinho do Porto e tudo. Mas a gente foi dançar assim. Para agora já não faço mais. Até que o tal senhor que nos forneceu aquelas... Foram os lenços que ele comprou. Comprou os lenços, comprou os tais emblemas, ele é que comprou tudo. E queria que a gente fosse ao campo do Benfica. Digo assim:

- Ao campo do Benfica. Só com trajes de pano. Uma saia de papel...

Elas quando chegaram à Cerdeira, quando vieram para baixo, o entusiasmo era tanto que vieram a pé. A mim, para eu me vir embora e já não me chatearem mais, vim no carro do senhor e elas vieram a pé. Estafilharam as saias e tudo porque... já estava a terminar o Carnaval. Eu não queria por nada cantar no tempo que já estava para acabar o Carnaval. Era mesmo o último dia e eu não queria. Depois vim-me embora. Depois disso foi só trabalhar.

Sonhos "*Eu só quero o bem da minha gente*"

O meu sonho era de morrer em paz. Era isso. Eu agora estou no princípio do fim. Não tenho ambições, não tenho nada. Queria ver as minhas filhas bem e com saúde, os meus genros, a minha neta e a minha bisneta. Queria-a ver com saúde também. E os meus três netos. Graças a Deus vão bem guiadinhos. Um já está formado, o outro está-se a formar. Outro está lá com a mulher dele. Eu só quero o bem da minha gente e dos meus genros. E haver paz na família.

Avaliação "*Acho muito bem que é para ver se as pessoas se habituam ao modesto*"

Eu acho bom, porque agora há tanta vaidade, tanta coisa, tanta coisa, que haver umas coisitas antigas que eram mais modestas. Acho muito bem que é para ver se as pessoas se habituam ao modesto. E as pessoas ajudarem-se umas às outras, não andarem a gastar dinheiro à força. Se ajudassem uns aos outros tudo

ia bem. Agora não. Agora só há capitalismo. Pessoas que se agarram ao dinheiro e a fazerem matreirices e coisas que é uma desgraça. Eu não. Não sou apologista da mentira e gosto de ajudar a todos. Tenho pena dos velhos, tenho pena das crianças, tenho pena dos animais, tenho pena de tudo. Tenho pena de tudo.



Casamento da neta de Zulmira da Luz (bisneta Marta, neta Elsa, filha Maria das Dores e Zulmira)